

FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, INTERCULTURALIDADE E DECOLONIALIDADE*

Rita de Cassia de Oliveira e Silva

ritasperrut@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO

Este estudo tem como objetivo discutir de que forma um curso de Licenciatura em Educação Física lida com a diferença cultural. A metodologia utilizada foi o Estudo de Caso do tipo etnográfico. Constatamos que a diferença cultural é evidenciada a partir das falas de discentes. Reflito que as perspectivas intercultural e decolonial possam impregnar o campo da Educação Física rumo a uma prática mais igualitária.

PALAVRAS-CHAVE

formação de professores; interculturalidade; decolonialidade

INTRODUÇÃO

A partir da reflexão que considera a diferença cultural como tema importante a ser pensado e trabalhado para o alcance de uma educação de qualidade e entendendo a Educação Física com área e campo de intervenção diferenciado de muitas outras disciplinas escolares, este estudo apresenta como objetivo discutir de que forma um curso de Licenciatura em Educação Física lida com a diferença cultural.

“O que posso fazer pelos/as estudantes enquanto professora de Educação Física, que seja significativo para suas vidas, sem abandonar os conteúdos específicos da disciplina?” vem a ser a questão que fomenta estas reflexões, a partir da prática pedagógica em escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro, onde os/as estudantes e suas inquietações nos desafiam a cada dia a combater o viés excludente e competitivo da Educação Física, construído historicamente.

* O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



No entanto, a formação inicial parece não contribuir para a resposta a este questionamento. De acordo com Tardif (2012), a mesma vem sendo marcada pelo predomínio dos saberes disciplinares² produzidos sem nenhuma ligação com a ação profissional. O autor adiciona que educadores/as e pesquisadores/as se apresentam como dois grupos cada vez mais antagônicos, destinados simultaneamente a tarefas especializadas de transmissão e de produção dos saberes sem nenhuma relação entre si.

METODOLOGIA

Segundo André (2005), no estudo de caso etnográfico o/a pesquisador/a se aproxima das pessoas e com elas mantém contato direto, seja por meio de entrevistas, seja por meio de conversas. Procura-se não modificar o ambiente natural dos/as participantes, o que faz com que alguns/mas autores/as considerem este tipo de pesquisa como naturalística ou natural.

Nos limites deste texto apresentarei os resultados concernentes às entrevistas realizadas com os/as discentes do curso, discutindo como os/as mesmas enxergavam as questões ligadas a diferença cultural na instituição.

REFERENCIAL TEÓRICO

A partir da década de 1980 temos a crise epistemológica do campo da Educação Física. Um novo entendimento trazia a ideia de que os seres humanos não constituíam somente um corpo biológico, mas também social e cultural. Na década de 1990, ao entrar em cena a discussão sobre o termo cultura, a reflexão acerca das diferenças pareceu tomar força.

Desta forma, Daolio (2004) acredita ser cultura o principal conceito para o campo da Educação Física uma vez que todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural, expressando-se diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos. O autor adiciona que o/a educador/a físico/a não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, ele/ela trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, definidas historicamente como jogo, esporte, dança, luta e ginástica. Desta forma, o que definiria se uma ação corporal merece trato pedagógico pela Educação Física é a consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural própria do contexto onde se realiza.

Argumento que a discussão acerca do termo cultura tenha se apresentado como um “divisor de águas” para a discussão da prática da Educação Física na escola, porém a reflexões acerca da diferença cultural necessita adentrar o espaço escolar e a academia, no sentido de fomentar diálogos igualitários entre os diferentes grupos sociais, não permitindo assim a formação de novos reducionismos e binarismos. Desta forma, entendo a educação intercultural como a perspectiva que nos aponta caminhos para a resignificação das práticas escolares de Educação Física, enxergando a diferença cultural e entendendo que o/a educando/a também tem algo a ensinar, a partir de sua cultura. Discuto também as contribuições da perspectiva decolonial para se pensar numa “Educação Física outra”.

INTERCULTURALIDADE CRÍTICA E PEDAGOGIA DECOLONIAL

Para Walsh (2009), a interculturalidade crítica trata-se de uma construção “desde baixo”. Não vem a ser um projeto étnico e da diferença em si, aponta para um imaginário “outro” e uma agência “outra” de “com-vivência”, trata-se da necessidade de visibilizar, enfrentar e transformar as estruturas e instituições que diferencialmente posicionam grupos, práticas e pensamentos dentro de uma ordem e lógica que ainda é racial, moderno-ocidental e colonial. A autora acrescenta que a interculturalidade crítica permite



² Os saberes disciplinares são aqueles que correspondem aos diversos campos do conhecimento, tais como se encontram hoje integrados nas universidades, sob a forma de disciplinas, no interior de faculdades e de cursos distintos. Emergem da tradição cultural e dos grupos sociais produtores de saberes (TARDIF, 2012, p.38).



considerar a construção de novos marcos epistemológicos que pluralizam, problematizam e desafiam a noção de um pensamento e conhecimento totalitários, únicos e universais.

Para Oliveira (2018) a pedagogia decolonial é a perspectiva

[...] pensada a partir da ideia de uma prática política contraposta à geopolítica hegemônica neoliberal, monocultural e monorracional, pois trata-se de visibilizar, enfrentar e transformar as estruturas e instituições que têm como horizonte de suas práticas e relações sociais a lógica epistêmica ocidental, a racialização do mundo e a manutenção da colonialidade. Enfim, para se iniciar um diálogo intercultural “autêntico” tem que haver uma visibilização das causas do não diálogo, e isto passa, necessariamente, pela crítica à colonialidade e à explicitação da diferença colonial (OLIVEIRA, 2018, p. 101)

Walsh (2016) traz o conceito de “brechas decoloniais” que indicam possibilidades de subversão de modelos impostos e que abrem caminhos para se pensar em diferentes formas de fazer e viver a Educação Física, para além das imposições históricas e institucionais.

As brechas se transformam no lugar e no espaço a partir do qual a ação, a militância, resistência, insurgência e transgressão são impulsionadas, onde as alianças se constroem, e surge um modo-outro que se inventa, cria e constrói. Embora as brechas estejam virtualmente nos âmbitos, instituições, estruturas da razão e do poder moderno/colonial, e continuam crescendo dia a dia, costumam passar despercebidas, sem serem vistas ou escutadas. Isto se deve em grande medida à natureza míope da vida e do viver contemporâneo” (WALSH, 2016, p.72)

RESULTADOS

Foram realizadas dezesseis entrevistas com discentes sendo onze mulheres e cinco homens.

Ao serem questionados/as acerca da sua raça ou etnia os/as entrevistados/as se dividiram em três grupos: negros, pardos ou brancos. Cinco entrevistados/as se declararam como negros/as, cinco se declararam brancos/as e seis como pardos/as.

Em geral os/a alunos acreditam que a diferença cultural esteja fortemente representada no curso e a maioria fala da existência de um grande contingente de negros/as, gays e lésbicas na instituição. Ao serem questionados/as sobre as questões acerca da diferença cultural no curso, a maior parte dos/as entrevistados/as menciona a existência ou não de preconceitos na instituição.

A maioria dos/a alunos/a identifica que as relações entre os diferentes grupos culturais ocorrem de maneira pacífica, não identificando a existência de conflitos. Dois alunos relatam que a partir do seu ingresso na instituição, começaram a refletir sobre as questões culturais.

O preconceito na instituição se apresenta de forma velada, apelidos e piadinhas são utilizados e encarados como algo “normal” e os/as mais atingidos/a são aqueles/as considerados/as menos habilidosos/as, fora dos padrões estéticos impostos pela sociedade hodierna, indivíduos que expõem sua vertente religiosa e quanto à diversidade sexual.

Todos/as concordam que as questões acerca da diferença cultural devam ser discutidas no curso. Uma aluna diz que apenas as questões de gênero devem ser contempladas. A maioria dos/as discentes acredita que a futura prática profissional como docente em escolas propõe maior conhecimento e reflexão sobre a diferença cultural presentes na sociedade, para que possam intervir e lidar com as situações que poderão ocorrer. Uma entrevistada, embora inicialmente fale sobre a importância da temática, defende que estas questões não devam ser ampliadas nas disciplinas oferecidas pelo curso.

Todos/as relatam que já discutiram estas questões nas disciplinas cursadas. Identidades de gênero, deficiências, diversidade sexual e religião são as questões contempladas nas disciplinas oferecidas pelo curso. Os/as entrevistados/as, em sua maioria, acreditam que as discussões relacionadas à diferença cultural



devam ser desenvolvidas como conteúdos das disciplinas do curso e não apenas em situações pontuais como palestras e seminários.

Quando questionados/as sobre episódios de preconceito na instituição, nenhum/a aluno/a relatou ter sofrido qualquer situação de preconceito. No entanto, quando questionados/as se já presenciaram algum episódio deste tipo na instituição, nove discentes responderam afirmativamente. Um mesmo episódio que se refere à temática racial foi relatado por três alunos/as, porém um deles não considerou como racismo.

Embora não seja considerada uma identidade cultural, os indivíduos fora dos padrões estéticos e com pouca aptidão física para determinado desporto, são alvo de discriminação na instituição. É interessante observar que os relatos sempre indicam que estas situações partem dos/as docentes.

Uma das discentes expõe que o único lugar no qual não se sente discriminada é a instituição. A mesma é competidora de fisiculturismo e por isso apresenta a musculatura mais desenvolvida do que a maioria das mulheres da nossa sociedade.

Uma outra nuance do preconceito é indicada no depoimento de uma entrevistada. A mesma se acha inferior, inapta para algumas atividades e acredita que o preconceito seja criado por ela mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das falas dos/as estudantes podemos constatar que a instituição apresenta iniciativas de discussão acerca das questões culturais, no entanto, algumas questões ainda são naturalizadas e silenciadas.

A Educação intercultural pode contribuir para a superação de preconceitos e relações desiguais no interior da instituição. Ampliar as discussões acerca das diferenças culturais pode ser o início de um caminho onde todos/as possam ser ouvidos/as e possam contribuir para uma formação mais justa e mais igualitária.

Como nos fala Walsh (2016), adentrar as brechas decoloniais, pode ser um caminho de insurgência em buscar de “práticas outras” onde indivíduos silenciados possam ocupar espaços antes nunca ocupados; possam compreender que a universidade e a escola, principalmente públicas são espaços de circulação de saberes multiculturais, onde as diferentes identidades possam se pronunciar a partir do seu lugar de fala.

TEACHER TRAINING IN PHYSICAL EDUCATION, INTERCULTURALITY AND DECOLONIALITY

ABSTRACT

This study aims to discuss how a Licentiate degree in Physical Education deals with cultural difference. The methodology used was the Ethnographic Case Study. We find that the cultural difference is evidenced from the speeches of students. I reflect that the intercultural and decolonial perspectives can permeate the field of Physical Education towards a more egalitarian practice.

KEYWORDS: *teacher training; interculturality; decoloniality.*

FORMACIÓN DE PROFESORES/AS DE EDUCACIÓN FÍSICA, INTERCULTURALIDAD Y DECOLONIALIDAD

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo discutir de qué forma un curso de Licenciatura en Educación Física lidia con la diferencia cultural. La metodología utilizada fue el Estudio de caso del tipo etnográfico. Constatamos que la diferencia cultural es evidenciada a partir de las palabras de los discentes. Reflejo que las perspectivas intercultural y decolonial puedan impregnar el campo de la Educación Física hacia una práctica más igualitaria.

PALABRAS CLAVES: *formación de profesores; interculturalidad; Descolonialidad.*



REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M.E.D.A. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Líver Livro Editora, 2005.
- DAOLIO, J. *Educação Física e o conceito de cultura*. Campinas: Autores Associados, 2004.
- OLIVEIRA, L.F. *Educação e Militância Decolonial*. Rio de Janeiro Editora Selo Novo, 2018.
- TARDIF, M. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. 14. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- WALSH, C. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: *in-surgir, re-existir e re-viver*. In: CANDAU, V.M.(Org.) *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p.12-42.
- _____. Notas pedagógicas a partir das brechas decoloniais. In: CANDAU, V.M. (Org.) *Interculturalizar, Descolonizar, Democratizar: uma educação "outra"?* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. p.64-75.

